O surgimento da monarquia em Israel

O presente artigo serviu de subsídio para discussão da realidade e dos desafios do assentamento de agricultores sem terra em Entre Rios de São Miguel do Oeste/SC. Partiu-se de um estudo acerca da formação do povo de Israel para compreender o surgimento e a dinâmica da monarquia. Do tribalismo, seus acentos e potencialidades, a discussão se encaminhou para as contradições da sociedade monárquica. A partir da Bíblia, jovens, homens e mulheres que enfrentaram as intempéries de acampamentos, ameaças e violência do latifúndio, passaram a iluminar sua própria realidade. A formação dos acampamentos, a luta pela terra e, finalmente, o assentamento, com todas suas limitações e perspectivas, encontraram no Projeto do Povo de Israel um paradigma para inspirar seu próprio projeto de organização social, política e econômica.

INTRODUÇÃO

Na releitura bíblica latino-americana há um significativo espaço reservado aos estudos sobre o Antigo Testamento. Em especial, cabe destacar os estudos relacionados com a monarquia, seu início, apogeu e decadência.

A presente contribuição tem o propósito de resgatar algumas das idéias e teses que envolvem a monarquia israelita. A abrangência do tema condiciona o presente artigo à sistematização de algumas das contribuições latino-americanas.

De modo especial interessa resgatar o meridiano que perpassa a mística do Antigo Testamento, a saber: a questão da terra, seus agentes e protagonistas.

Embora a expressão "povo da terra" tenha se tornado usual somente a partir do 9º século como conceito para designar os lavradores judaítas e, em especial, no 8º século para caracterizar estes lavradores como categoria política, a grande parcela da população, bem como as tradições transmitidas no Antigo

Testamento, transpiram a realidade do campesinato. Isso significa que o povo da terra já existia há muito tempo. Gênesis 24 já menciona o "povo da terra", possivelmente projetando para o passado um termo que se tornou usual com o surgimento da monarquia. No norte (1Sm 11) o "povo da terra" levava o conceito de "homem" (*'anaxim*; também em Judá, conforme Miquéias 2).

A expressão "povo da terra" qualifica um grupo social, político e econômico específico dentro do povo de Israel. Este grupo, umbilicalmente ligado à agricultura e à criação de gado, emerge para a superfície dos acontecimentos na medida em que as contradições da proposta da monarquia (corvéia e tributo) começam a se manifestar com maior intensidade.

Num primeiro momento, trataremos de mencionar algumas das teses que tratam do surgimento de Israel como povo. O segundo passo consiste em caracterizar o surgimento da monarquia sob Saul, buscando enfocar elementos da conjuntura externa e os condicionamentos internos que possibilitaram o surgimento da monarquia na Palestina. Trata-se de identificar o surgimento da monarquia israelita a partir das condições históricas da Terra de Canaã.

1. ANTECEDENTES

Para melhor compreendermos o processo histórico que culmina no surgimento da monarquia, será necessário lançar um olhar retrospectivo sobre a formação do povo de Israel.

A pesquisa bíblica nos apresenta várias teorias para explicar a origem de Israel. Estas teorias vão desde um gradativo processo de imigração de seminômades (Albrecht Alt)[1] até profundas e revolucionárias transformações ocorridas na Terra de Canaã na passagem do 13º para o 12º séculos (Norman Gottwald).[2]

Nosso objetivo não é aprofundar a discussão em torno da origem de Israel. Porém, é importante mencionar a clássica tese de Martin Noth.[3] Segundo M. Noth, Israel se constitui como liga anfictiônica. Este postulado é questionado pela contribuição de N. Gottwald. Para este pesquisador Israel é fruto de uma revolução camponesa.

Embora haja dúvidas acerca de como o conjunto de tribos se formou, há certo consenso na pesquisa acerca do local de origem do tribalismo javista. Ao contrário do que afirma a tese teológica contida no texto bíblico (Êxodo 1–2), Israel surge na Palestina. Israel é fruto da Terra de Canaã. Israel, como povo, surge na Palestina em meio à terra cultivável.[4] O campesinato é o berço social que dá origem a Israel.

1. Albrecht ALT. A formação do estado israelita na Palestina. In: *Terra Prometida*. Editora Sinodal, São Leopoldo, 1987, p. 111-177.

2. Norman K. GOTTWALD. *As tribos de Iahweh – Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 aC*. In: Coleção Bíblia e Sociologia, v. 2. Edições Paulinas, São Paulo, 1986, 932 p.

3. Martin NOTH. *Historia de Israel*. Ediciones Garriga, Barcelona, 1966, p. 91-92.

4. Milton SCHWANTES. As tribos de Javé: Uma experiência paradigmática. In: *Queimada e Semeadura*. Editora Vozes, Petrópolis, 1988, p. 153-166.

1.1. Condições para o surgimento de Israel

Na passagem do 13º para o 12º séculos, a Terra de Canaã se encontra sob domínio e controle do Egito. Os faraós marcam sua dominação através da presença militar. Anualmente, realizam incursões e expedições militares à Palestina para saquear e arrecadar tributos. A região da faixa de Gaza representa a porta de entrada egípcia na colônia.

Na ausência dos exércitos egípcios, a Palestina é administrada pelos próprios cananeus. Os cananeus habitavam as planícies, especialmente a planície litorânea e a de Jezreel.

Nos pontos estratégicos destas planícies podem ser encontradas as cidades. As cidades são o centro da administração. Elas se constituem em verdadeiras fortalezas. É a partir das cidades fortificadas que os monarcas cananeus exercem seu domínio sobre o campesinato. O rei, responsável pela administração da cidade, não é nada mais do que um fiel súdito representante do faraó. Desse modo, é a partir da cidade que se articula a exploração do campesinato. A cobrança de pesados tributos torna o campo vulnerável à exploração da administração local e ao regime de colonização egípcia.

1.2. A conjuntura internacional

Por volta do ano 1200 aC, surgem algumas transformações no cenário da dominação internacional. A presença militar egípcia na Palestina é ameaçada. Os "povos do mar", dentre eles os filisteus, conseguem ocupar a região de Gaza e afastam os egípcios da Terra de Canaã. Esta presença dos "povos do mar" liberta a Palestina temporariamente do jugo do Nilo. Porém, na medida em que este novo poder não logra impor sua hegemonia sobre toda a Palestina, a Terra de Canaã praticamente fica à mercê da própria sorte.

A presença egípcia havia criado profundas contradições na sociedade palestina. A extorsão havia levado o campesinato a ficar extenuado. Com o afastamento do Egito como poder hegemônico, a briga interna entre as cidades-estado pela hegemonia agrava ainda mais a situação. A terra dos camponeses passa a ser terra de luta entre reis cananeus.

1.3. Fatores internos

O declínio e a retirada da dominação egípcia da Palestina abre uma nova perspectiva para a sociedade. É justamente em meio aos impasses da sociedade cananéia que Israel emerge como povo.[5]

Israel não surge nas planícies. Sua origem é nas montanhas. Até a virada do século 12, as montanhas não eram habitadas. Nelas havia apenas mato e animais.

Num primeiro momento os camponeses até que tentaram ocupar e se organizar nas planícies. Porém estas já se encontram ocupadas. Neste cenário

5. Confira Milton SCHWANTES, *op. cit.*, p. 156.

acontecem vários enfrentamentos entre reis cananeus e camponeses. Até mesmo expedições militares egípcias são enfrentadas pela população explorada.

Em meio à situação de confronto, as montanhas servem de refúgio para os camponeses. Nelas os temíveis carros de combate dos exércitos das cidades eram tremendamente vulneráveis.

O século 12 marca o período em que os lavradores vão se agrupando e resistindo aos reis das planícies e ensaiando um novo modelo de sociedade. Este modelo paulatinamente vai se tornando possível graças à introdução do uso do ferro na agricultura e à descoberta de uma nova técnica de revestimento de cisternas.[6]

Os lavradores que se libertam da dominação egípcia da planície e imigram para as montanhas se organizam em forma de tribos. Não constituem reis. Tribo e clã são a base da nova formação social. As planícies continuam dominadas pelos reis cananeus e as cidades-estado. Israel surge nas montanhas. É o campesinato que se rebela contra a espoliação (Juízes 4–5).

Esta nova formação social que surge nas montanhas se mantém até a instalação da monarquia. Durante um bom período da história de Israel, podemos verificar a existência de dois projetos de sociedade.

Nas planícies, a dominação dos reis através do regime de cidade-estado. Nas montanhas, o tribalismo camponês. Ambos são excludentes. Cada qual está ancorado num modo próprio de produção. De um lado temos o modo de produção tributário e de outro o de produção tribal. É justamente neste aspecto que o tribalismo se revela como uma experiência antimonárquica. O tribalismo é uma etapa anterior, pré-monárquica, mas de confrontação ao sistema tributário, monárquico.

1.4. Os sujeitos da nova sociedade

O tribalismo que surge nas montanhas não é formado apenas por camponeses das planícies. A eles devem ser acrescentados outros grupos significativos, embora em menor número.

Os emigrantes das planícies das cidades-estado, em geral, são lavradores espoliados pelos reis e faraós. Estes lavradores emigrados das cidades levam consigo a experiência de exploração. São eles os mais visados pelas expedições anuais dos egípcios que arrasavam aldeias e plantações.

No entanto, não são apenas os campesinos cananeus que sofrem com a dominação estrangeira. Grupos imigrantes também padecem com a tributação das cidades-estado. Entre os grupos de imigrantes estão os seminômades palestinenses, criadores de ovelhas e cabritos; o grupo sinaítico e o grupo mosaico.

a) Seminômades

O grupo dos seminômades vem do sul e do centro da Palestina. Vive em terras semi-áridas, entre a mata e o deserto. Trata-se de uma região que foge ao controle das cidades (Hebron, Belém, Berseba, Betel). Este grupo vive à margem

6. IDEM.

dos centros urbanos. Tem como núcleo social a família e o clã. Não tem rei, nem templo, nem exército. Nenhuma instituição estatal faz parte da vida dos seminômades. Os integrantes do grupo prestam culto ao "Deus paterno" ou "Deus dos pais". Trata-se de um Deus pessoal e peregrino, que acompanha seu povo e cumpre suas promessas.

Este grupo também adere à experiência do tribalismo. Justamente com os lavradores cananeus constroem o sistema tribal. Retirantes das planícies e do 'sertão' passam a viver do antagonismo da cidade-estado.

b) Grupo sinaítico

Este grupo é de difícil localização geográfica. Também é um grupo de seminômades, porém distinto do grupo abraâmico. Os seminômades mencionados anteriormente são da Palestina. O grupo sinaítico vem de fora. Tem sua origem no sul do Mar Morto.

O grupo sinaítico carrega consigo uma tradição religiosa que será de fundamental importância na contestação ao reinado e à monarquia. Esta tradição tem como central o culto a Javé. Javé é aquele que se revela no Sinai (Jz 5,5). O culto a Javé é antigo. Em geral, pouco sabemos sobre ele. Parece ter sido celebrado originalmente junto ao monte Sinai. É um culto teofânico. Porém, sua principal característica é a militância. Javé é um Deus que luta. Ele não aceita outros deuses a seu lado (Ex 20,3).

É possível que o culto a Javé tenha se tornado conhecido na Palestina através dos seminômades que armavam suas tendas entre o Mar Morto e o Golfo de Ácaba. Nessa região, muito disputada, passava uma importante rota comercial em direção a Damasco. Devido à importância comercial da região, os beduínos tiveram que migrar. Imigraram para o centro, onde foram recebidos por causa do domínio da tecnologia do ferro.

c) Grupo mosaico

Este grupo emigrou do Egito. Também é extrapalestinense. Não é constituído de seminômades. Os integrantes deste grupo vivem em terra cultivável. Sua experiência tem origem junto à maior potência da época. O grupo mosaico provém da capital do império egípcio. Trata-se de um grupo formado por trabalhadores forçados.

Os hebreus que compõem o grupo mosaico resistem ao trabalho forçado. Se organizam, primeiro em família (Ex 1–2), depois através da liderança de Moisés. Organizados, pressionam a saída. Aumenta a repressão. São forçados a fugir. Com a fuga vem a perseguição. Porém os carros de combate do exército egípcio sucumbem no mar.

Historicamente, estes hebreus não conhecem o culto a Javé a partir do Delta do Nilo. Em Êxodo 1 e 2 temos indícios desta constatação. A memória mais antiga deste grupo fala em "Deus dos hebreus" (Ex 3,18).

Ao deixar o Egito, o grupo mosaico ruma em direção à Palestina. Neste novo contexto passa a se fixar nas terras cultiváveis. As montanhas da Samaria acolhem estes migrantes. É justamente nessa região da Samaria que a memória do êxodo é cultivada de modo peculiar.

Na Palestina a memória histórica dos hebreus emigrados do Egito é amalgamada com a memória histórica do tribalismo javista. Do encontro da tradição dos oprimidos surge uma nova síntese religiosa.

A nova formação social palestina composta por emigrantes das cidades-estado e imigrantes se apresenta como uma alternativa e, ao mesmo tempo, como repúdio à presença e formação do estado (Jz 8,22-23).

Na síntese religiosa operada pelos grupos que compõem o tribalismo há dois eixos principais. Por um lado, a experiência histórica em torno do divino. O "Deus dos pais", o "Deus dos hebreus" e Javé constituem o alvo dessa experiência. Por outro lado, os sujeitos do tribalismo trazem consigo a experiência de espoliação. O tribalismo é conseqüência da interpretação da história a partir da gente explorada.

São os descendentes desta experiência tribal que, duzentos anos mais tarde, recorrem a uma nova formação social. Nesse sentido, para comprender o surgimento da monarquia é necessário recorrer às transformações históricas que o tribalismo possibilitou.

2. O SURGIMENTO DA MONARQUIA SOB SAUL

A pesquisa acerca do surgimento da monarquia em Israel, lamentavelmente, precisa conviver com as limitações no que diz respeito às fontes. Com exceção do texto bíblico, são poucas as informações de que dispomos. Além disso, os textos disponíveis são bastante limitados. O relato bíblico não nos oferece uma reportagem detalhada dos acontecimentos. Em geral, a Bíblia coleciona acontecimentos isolados que se tornaram constitutivos para o grupo social que preservou sua memória. O texto bíblico é mais um recorte no tempo e no espaço percebido por um olhar determinado.

As limitações da fonte bíblica são, até certo ponto, compensadas pelos estudos de história e sociologia. Carlos Dreher, por exemplo, em seu estudo do surgimento da monarquia[7], recorre às teorias sociológicas, especificamente ao conceito de modo de produção, para caracterizar a dinâmica histórica que possibilita o surgimento da monarquia.

Na seqüência trataremos de tematizar alguns dos elementos que determinaram o surgimento do sistema monárquico em Israel. Vale lembrar que não há uma contingência histórica lógica que legitime o surgimento da monarquia. Ela não é conseqüência natural do tribalismo. Antes, é resultado de um processo histórico que tem sua origem na formação do povo de Israel e que é gestado no seio do tribalismo. Certamente, causas externas e a própria dinâmica interna do sistema tribal contribuíram para o surgimento da monarquia.

2.1. Causas econômicas

Basicamente são duas as causas econômicas determinantes que contribuíram para o surgimento da monarquia, a saber: a agricultura e o comércio. No que

7. Carlos A. DREHER. O surgimento da monarquia israelita sob Saul. In: *A Palavra na Vida*. Centro de Estudos Bíblicos, Belo Horizonte, 1992, p. 11.

664/03

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

diz respeito à agricultura, cabe mencionar o cultivo de novas terras em regiões geográficas antes desabitadas, a apropriação de novas tecnologias agrícolas, dentre as quais está o uso do ferro e o boi. Na área comercial é preciso mencionar o comércio de excedentes agrícolas e a mudança da rota comercial.

2.1.1. Agricultura

O boi é a peça-chave para compreender as transformações econômicas que possibilitaram a monarquia. Com a domesticação, o boi passa a ser empregado para preparar a terra. A prática de manejo do solo com tração animal possibilitou um aumento na produção de alguns produtos, ocasionando o excedente. Além disso, o boi também interfere e altera as relações na sociedade. O boi passa a substituir a mão-de-obra humana. A mão-de-obra passa a sobrar.

Além da inovação tecnológica introduzida com a tração animal, há também o emprego do ferro. Este metal, de liga mais resistente, passa a substituir outros instrumentos de madeira anteriormente utilizados no cultivo do campo.

Com relação ao boi, é preciso destacar sua importância como um novo ramo de produção: a pecuária. Além da utilização do boi no cultivo agrícola, a própria criação do gado se torna uma fonte de renda. Boa parte da experiência de manejo com gado pequeno é transferida para a criação de bois. Especialmente as tribos localizadas em regiões limítrofes entre a mata e o deserto (Benjamim) ou junto às fontes de água conseguem grandes avanços na criação deste animal.

Ainda no que diz respeito à agricultura, é preciso destacar as condições climáticas favoráveis para algumas culturas adaptadas à região montanhosa. Entre elas cabe menção especial à produção de óleo e vinho.

As excelentes condições climáticas, aliadas às inovações tecnológicas, permitem o cultivo da uva e da azeitona em grande escala. Aos poucos, tanto a produção do vinho como a de azeitona fogem do controle social. Eles potenciam o trabalho e começam a romper com a tradicional distribuição dos produtos. Vinho e azeite passam a ser os principais produtos agrícolas excedentes destinados ao comércio.

No entanto, o boi continua sendo o carro chefe da economia.[8] Este fato tem conseqüências. O boi consegue concentrar o trabalho de vários anos sem deixar de ser fonte de produção. O boi atua como produto final, mas também tem seu espaço como agente econômico que atua no decorrer de sua existência. Ele é um meio de produção e produto final. Além disso, atua como produtor. Do gado bovino vem a produção do leite, couro e as crias.

Apesar da importância do boi como agente econômico, ele também traz dificuldades. O boi se torna um problema grave especialmente para a sociedade tribal. Este problema surge no momento do abate. A família que o produziu não consegue consumi-lo. O boi não se permite ser consumido democraticamente. No geral, a família/clã tem o tamanho proporcional ao do consumo de uma ovelha (páscoa). Nesse sentido, o boi rompe uma cadeia de igualdade. Ele mina a distribuição igualitária. Na sua morte o boi exige um mercado. Os outros produtos podem ser consumidos pela família. Quanto ao boi, isso é impossível. Ele exige um

8. Confira Carlos A. DREHER, *op. cit.*, p. 12-13.

mercado. A partir daí sua viabilidade econômica passa a depender da comercialização do excedente gerado pelo animal abatido.

Pela importância do boi na produção, seja como meio ou como produto final, o mesmo passa a ser sinônimo de riqueza. Boi é riqueza. Por ser riqueza, precisa ser defendido. Enquanto o cereal e a ovelha permitem a existência de um exército voluntário, o boi = riqueza exige uma defesa permanente. Este investimento de anos de trabalho necessita ser defendido e preservado.

2.1.2. Comércio

Na fase de surgimento da monarquia, o comércio é ainda muito incipiente em Israel. Ele recebe importância mais significativa quando Davi chega ao poder, quando outro grupo social logra impor sua hegemonia política. No entanto, embora incipiente, o comércio tem sua importância. As células embrionárias do que será o comérico na época de Davi já estão a se desenvolver.

O desenvolvimento do comércio está diretamente relacionado com a agricultura. Com o aumento da produção e o conseqüente aumento do excedente, o comércio passa a se intensificar mais nas regiões próximas a Jerusalém.

A rota comercial entre o Egito e a Mesopotâmia, que até então passava a leste da Transjordânia, aos poucos, passa a incluir a passagem pela altura de Jerusalém em seu roteiro. Com isso, caravanas de mercadores passam a circular pela região, intensificando a comercialização do excedente. Desta forma, a região vai adquirindo interesse comercial. Além da necessidade de proteção às caravanas, vai surgindo um grupo social especificamente voltado para atividade comercial.

Em resumo, vinho, azeite e boi são a novidade econômica e social introduzida com o surgimento da monarquia. Estes produtos, excedentes, passam, a determinar a estrutura das relações sociais de produção.[9]

2.2. Situação política

Há certa unanimidade na pesquisa bíblica em apontar a pressão externa causada pelos filisteus como uma das principais razões para explicar o surgimento da monarquia.[10]

> "A razão principal apresentada pelos textos bíblicos para explicar o surgimento da monarquia foi a pressão externa causada pelos filisteus desde meados do século XI".[11]

A história parece confirmar que o avanço dos "povos do mar" estabelece uma ameaça real à presença egípcia na Palestina. As cidades-estado, que tinham sua força ancorada no poder militar do exército do faraó, se vêem ameaçadas com a capacidade de dominação dos filisteus.

9. IDEM.

10. Confira Carlos A. DREHER, *op. cit.*, nota n. 7, p. 18.

11. Jorge PIXLEY. *A história de Israel a partir dos pobres*. In: Coleção Deus Conosco, v. 1. Editora Vozes, Petrópolis, 1991, p. 23.

Esta situação cria uma nova necessidade entre as tribos. Ao contrário dos inimigos enfrentados pelos juízes de Israel, os filisteus se levantam no cenário como um inimigo nada ocasional. A ameaça que representam não pode mais ser enfrentada com um exército convocado na hora. Um exército popular convocado ocasionalmente para fazer frente à ameaça inimiga agora se torna ineficiente. Nem mesmo a liderança carismática consegue dar conta da situação.

O novo inimigo lança a sombra de sua força com a pretensão de subjugar todo o território da Palestina. Os filisteus se propõem a dominar nos moldes da antiga dominação egípcia. Com um exército bem treinado e formado com tropas profissionais equipadas com armamentos pesados (1Sm 17,4-5), com o domínio da tecnologia do ferro (1Sm 13,19-20), os filisteus vão se instalando com guarnições nas principais cidades (1Sm 13,3; 14; 27,5; 2Sm 23,14).

Não obstante a capacidade bélica, a invasão dos filisteus, ainda que tenha libertado a Palestina da colonização e dominação egípcia, não logra se impor como sucessora da hegemonia do Egito.

Como já mencionamos, num primeiro momento, a Terra de Canaã ficara entregue à própria sorte. A ausência dos egípcios aprofundara ainda mais a crise social das cidades-estado cananéias. A expulsão do Egito acena com a possibilidade de hegemonia dos filisteus. Porém ela também leva as cidades-estado a intermináveis lutas internas. Para os camponeses fica ainda mais difícil plantar e colher. Suas terras passam a ser palco da luta travada entre os monarcas da planície e, ao mesmo tempo, alvo da ambição dos filisteus.

Neste quadro de constantes ameaças e conflitos surge a necessidade de um poder efetivo, uma força militar capaz de fazer frente à ameaça inimiga. É preciso um exército permanente e treinado para garantir a proteção às tribos e, o que é mais importante, garantir a produção e assegurar o livre comércio de mercadorias (1Sm 8,9).

Está armado o cenário que possibilita o surgimento de Saul. Este líder tira proveito da situação. Saul se vale de um interesse dos criadores de gado e das necessidades da tribo de Benjamim para legitimar a existência de um exército.

O início da atuação de Saul se dá nos moldes dos grandes juízes. Nesse sentido, os inícios da monarquia se encontram na continuidade do Israel pré-estatal.

> "Também outrora, numa situação de emergência, um líder carismático assumia a organização da defesa".[12]

As condições para o exercício da liderança carismática estão diretamente relacionadas com as condições em jogo, ou seja, diante da ameaça externa se estabelece uma relação de troca de serviços entre os que vão para a guerra e os que permanecem no cultivo da terra. Alguns fazem a defesa, outros produzem a subsistência.

Em geral, depois de terminada a guerra, os guerreiros retornam à atividade agrícola. Na campanha contra os amonitas ainda vale esta regra (1Sm 11).

12. Confira Carlos A. DREHER, *op. cit.*, p. 6-7.

Aqui Saul ainda não é rei. É líder carismático, um libertador, alguém que organiza a defesa das tribos assim como o fizeram Débora e Baraque (Jz 4 e 5).

A diferença entre os líderes carismáticos pré-estatais e Saul não está no início da atuação, mas no final. É no final da ação guerreira de Saul em defesa da cidade transjordaniana de Jabes Gileade que ocorre algo diferente. No final da guerra (1Sm 11,15) é firmado um novo acordo com os habitantes da cidade. A partir de agora o mandato de Saul não é mais ocasional. O fim da campanha militar já não marca mais o fim do exercício da liderança do exército. A ameaça que os filisteus continuam a representar para a economia, centrada no boi, transforma Saul em "rei".

A partir do momento em que a função guerreira não termina mais com o afastamento do inimigo, o contrato entre os homens de guerra e as aldeias defendidas passa a ter outra base. Como não é mais possível enfrentar o inimigo com um exército de voluntários, surge a necessidade de organizar uma defesa mais consistente e constante. Torna-se necessária uma tropa regular capaz de vencer o inimigo e não apenas repeli-lo. "É preciso alguém que saia adiante de nós e faça as guerras" (1Sm 8,20).

Nestas circunstâncias Saul se impõe como líder permanente que fará a guerra. Sua missão é a defesa. Para isso pode convocar as milícias populares e organizar um grupo de guerreiros treinados e sempre à disposição para a defesa (1Sm 14,52).

Agora a subsistência de Saul e de seu grupo de guerreiros, mesmo em períodos de trégua, se dá mediante o direito de receber parte da produção dos agricultores. O campo fornece a alimentação para o rei, sua tropa e para o exército.[13]

É preciso lembrar que a relação contratual entre Saul e o grupo social por ele representado é de prestação de serviço militar. Todo o complexo estatal, com uma capital e centro religioso, ainda não está organizado.

2.3. As relações sociais

A nova conformação econômica e política revela a existência de novos atores sociais. De um lado, surge uma classe social voltada para a comercialização de excedentes. De outro lado, os agricultores cada vez mais sobrecarregados com as exigências e necessidades do grupo liderado por Saul. Aos poucos, uma incipiente divisão do trabalho passa a se delinear: os profissionais da guerra e da produção.

Embora as contradições de classe somente se revelem com maior profundidade com Davi e Salomão, com Saul já emergem os primeiros sintomas da apropriação do excedente. Uma classe acumula. Para outra começa a faltar.

A relação de troca firmada entre Saul e os jabesitas delimita o campo de atuação de cada uma das partes. Num lado se encontra o trabalho do campo e, de outro, o trabalho da defesa. Um setor da sociedade é responsável pela produção, outro pela defesa.

13. Confira Carlos A. DREHER, *op. cit.*, p. 16.

Na medida em que esta relação contratual vai ganhando corpo, o modo de produção tribal vai, paulatinamente, cedendo lugar para a tributação. A cota de participação dos agricultores para a manutenção do contrato cada vez aumenta mais, tornando difícil a vida no campo. Por outro lado, na medida em que a sociedade vai se dividindo em classes, um pequeno grupo passa a se enriquecer, enquanto outros, a maioria camponeses, vão se tornando empobrecidos e marginalizados. Na mesma proporção em que o boi vai assumindo a terra dos camponeses endividados, que se tornam dispensáveis com as inovações tecnológicas, o boi vai produzindo a riqueza da nova classe que dá sustentação política para o Estado emergente.

> "E, sob pretexto de surgir para a defesa contra os filisteus, o Estado passa a defender os interesses desta nova classe".[14]

A elite criadora de bois, da qual Saul é o representante, está disposta a bancar a monarquia. Com a sustentação e manutenção do Estado incipiente também está assegurada a defesa de sua condição econômica. Na verdade, o boi impulsiona a sociedade israelita para uma sociedade de classes.

CONCLUSÃO

Este breve estudo acerca do surgimento da monarquia sob Saul revela que uma leitura dos acontecimentos protagonizados por esta liderança carismática e o grupo social por ela representado necessariamente deve levar em consideração o processo histórico que culmina na formação de Israel como povo.

O tribalismo nos oferece uma importante veia de compreensão do surgimento da monarquia. Além dos fatores externos, é preciso considerar que uma organização social igualitária e uma economia baseada no uso coletivo dos meios de produção leva a sociedade ao desenvolvimento, também na justiça e no direito.

No entanto, a monarquia surge em meio às contradições que a sociedade tribal não conseguiu absorver. Na medida em que a inovação tecnológica do boi vai se impondo, o tribalismo não mais consegue absorver seu próprio excedente.

O boi, como carro-chefe da economia, força a sociedade tribal para além de suas próprias fronteiras. Ao lado do boi, ou em conseqüência dele, está a produção e aumento do excedente. Vinho e azeite demandam comércio. A proteção e defesa da economia centrada no boi leva à organização de um aparato guerreiro capaz de garantir a existência e reprodução da economia e do grupo social por ela beneficiado.

Flávio Schmitt
Caixa postal 97
89874-000 Maravilha – SC

14. IDEM.